

FACCIONALIZAÇÃO RADICAL DOS PANTERAS NEGRAS E O DESENVOLVIMENTO DO ANARQUISMO NEGRO¹

Dana M. Williams²

California State University, Chico, EUA

RESUMO

Os movimentos sociais de justiça racial geralmente se fragmentam quando seus objetivos não parecem completamente alcançáveis. Ex-participantes das lutas radicais *pela libertação negra* (*Black freedom*) das décadas de 1960 e 1970, em sua maioria membros do Partido dos Panteras Negras (BPP³) (também participantes do *Black Liberation Army* [*Exército Negro de Libertação*]) e associados com o Marxismo-Leninismo, ficaram descontentes com o caráter hierárquico dos Panteras Negras e passaram a se identificar com o anarquismo. Através das lentes de teorias de faccionalização radical, o Anarquismo Negro é visto como uma consequência radical da luta pela liberdade negra. Os anarquistas negros foram os primeiros a notavelmente priorizar uma análise racial no anarquismo estadunidense. Essa tendência apresenta várias manifestações contemporâneas do anarquismo, incluindo os grupos *Pessoas de cor anarquistas* (*Anarchist People of Color*)⁴ dentro do movimento e, mais indiretamente, as muitas estratégias e organizações anarquistas que compartilham semelhanças com o BPP, antes de sua centralização.

Palavras-chave: Panteras Negras, Anarquismo, Pessoas de cor Anarquistas, Anarquismo Negro, Facionalização Radical.

ABSTRACT

Racial justice social movements often fragment when their goals do not seem completely achievable. Former participants in the radical Black freedom struggles of the 1960s and 1970s, most of whom were Black Panther Party (BPP) members (and also participants in the Black Liberation Army) and identified with Marxist-Leninism, became disaffected with the hierarchical character of the Black Panthers and came to identify with anarchism. Through the lens of radical factionalization theories, Black anarchism is seen as a radical outgrowth of the Black freedom struggle. Black anarchists were the first to notably prioritize a race analysis in American anarchism. This tendency has a number of contemporary manifestations for anarchism, including Anarchist People of Color caucuses within the movement, and, more indirectly, the many anarchist strategies and organizations that share similarities with the BPP, prior to its centralization.

Keywords: Black Panthers, anarchism, Anarchist People of Color, Black anarchism, radical factionalization.

¹Nota do Editor: A versão que segue em português foi traduzida do artigo “Black Panther Radical Factionalization and the Development of Black Anarchism”, publicado na *Journal of Black Studies*, 1–26, em 2015 - DOI: 10.1177/0021934715593053. Agradecemos ao autor por permitir que essa tradução fosse realizada. A versão para o português foi efetuada por: Cello Latini Pfeil, Kaio Braúna e Wallace de Moraes, a pedido da Revista Estudos Libertários. Desde já agradecemos aos tradutores.

²Departamento de Sociologia, California State University, 400 West First Street, Chico, CA 95929, USA. Email: dmwilliams@csuchico.edu

³ Nota dos tradutores: a sigla BPP se refere ao Partido dos Panteras Negras na versão original em inglês *Black Panther Party*. Decidimos manter a sigla no formato original ao longo do texto, pela força histórica que ela possui.

⁴ Nota dos tradutores: “Pessoas de cor anarquistas” são diferentes grupos compostos por anarquistas não brancos (asiáticos, latinos e negros).

INTRODUÇÃO

O movimento negro por libertação se desenvolveu em uma variedade de direções, mas por que alguns antigos participantes continuaram a se radicalizar ao testemunharem o fracasso do movimento? Foco em alguns desses ativistas que convergiram para posições anarquistas. Minorias raciais criticaram o que perceberam como um movimento anarquista majoritariamente Branco. O Anarquismo Negro não se originou do anarquismo, mas externamente, a partir do movimento *Black Power (Poder Negro)*⁵ – cuja ideologia política mais influente foi o Marxismo-Leninismo – em que, posteriormente, ativistas misturaram posições anarquistas com seus nacionalismos revolucionários. O Anarquismo Negro pode ser concebido como uma variação de terceira-ordem dos movimentos negros estadunidenses na defesa por justiça social. Eles rejeitaram tanto o assimilacionismo liberal do movimento dominante por direitos civis como a resposta radical dos *Black Power* aos direitos civis

manifestada pelos Panteras negras marxistas-leninistas.

Para entender essas transformações, utilizo as teorias de faccionalização organizacional radical. De início, descrevo a composição racial do anarquismo estadunidense (dentro do qual o Anarquismo Negro cresceu) e a amplitude de sua branquitude. Então, apresento as visões anarquistas sobre raça anteriores a 1960, e exploro a participação de pessoas negras, enfatizando como a raça foi mais conscientemente sintetizada no interior do pensamento anarquista *após* esse período. São cruciais para essa história as experiências do *Partido dos Panteras Negras (Black Panther Party – BPP)*, do *Exército Negro de Libertação (Black Liberation Army – BLA)*, e de uma variedade de ativistas associados a essas organizações e ao Movimento pela Libertação Negra (*Black Freedom Movement*)⁶, que passaram por encarceramento e iniciaram um afastamento ideológico do marxismo-leninismo, direcionando-se ao anarquismo. Especificamente, pontuo de

⁵ Nota dos tradutores: a tradução livre seria Poder Negro, mas decidimos manter a versão original devido a seu valor histórico.

⁶ Refiro-me aos movimentos liderados pelos negros das décadas de 1950 a 1970, como o “Black Freedom Movement”. Dentro dessa

designação, há uma variedade de outros movimentos, incluindo o movimento liberal, orientado para a assimilação, conhecido como “movimento dos direitos civis” e o mais radical, orientado para a autonomia, como o “Black Power Movement”.

onde o Anarquismo Negro nos Estados Unidos se originou e porque emergiu naquele momento. Em seguida, exploro os principais focos do Anarquismo Negro, bem como aquilo que o distingue de outras vertentes do anarquismo. Ao criticarem o movimento liberal de direitos civis, o autoritarismo de organizações *Black Power*, e o racismo em um movimento anarquista de maioria branca, os anarquistas negros se encontraram em uma posição ímpar e conflituosa no interior da esquerda estadunidense. Recentemente, o Anarquismo Negro realizou uma minuciosa análise sobre a integração racial no anarquismo e a formação de compromissos políticos de pessoas negras dentro do movimento anarquista.

Utilizo uma abordagem defendida por Clemens e Hughes (2002) que triangula várias fontes históricas de informações (variando de conjuntos de dados já compilados, jornais baseados em movimentos sociais, entrevistas, e escritos originais de ativistas) para construir um cenário apurado da criação do Anarquismo Negro. As figuras-chave do Anarquismo Negro, que são o foco desse estudo, são Ashanti Alston, Kuwasi Balagoon, Lorenzo Kom'boa Ervin, Ojore Lutalo, e Martin Sostre. Esses indivíduos começaram a descobrir

o anarquismo entre o fim dos anos 1960 e o início dos anos 1970, para somente desenvolver suas ideias nos anos 1980, e então começar a ter influência sobre o anarquismo estadunidense já nos anos 1990. Com exceção de Sostre, todos eram membros do BPP, e Alston e Balagoon participaram do BLA. Todos passaram por encarceramento devido a uma variedade de crimes (incluindo acusações alegadamente inventadas), que tanto eles como seus apoiadores consideraram como crimes e acusações motivados por questões políticas. Nenhum deles iniciou sua vida adulta como anarquistas, mas todos se direcionaram a posições anarquistas após terem participado dos movimentos de libertação negra nos anos 1960. Cada um deles articulou uma versão distinta do anarquismo negro, na medida em que enfatizavam diferentes questões, definiam o anarquismo de diferentes maneiras, defendiam diferentes estratégias para a mudança social, e discursavam para diferentes públicos – consequentemente, “Anarquismo Negro” parece ser algo como uma subvariante ideológica e heterogênea do pensamento e da prática anarquistas. Portanto, esses indivíduos não representam uma configuração conclusiva ou unificada do pensamento

anarquista, e nenhum deles afirma ter encarnado a visão “correta” do anarquismo negro. Não obstante, o anarquismo negro começou a exercer influência intelectual e ativista sobre o anarquismo estadunidense nos anos 1990, o que ajudou a criar espaço e inspiração para a organização “Pessoas de Cor Anarquistas” (*Anarchist People of Color* – APOC) nos anos 2000. Um resultado notável do pensamento e da escrita do anarquismo negro é o aumento da legitimidade de vozes racialmente sub-representadas no anarquismo (especialmente nos Estados Unidos), incluindo no Sul Global, complementando, assim, a orientação europeia dominante de movimentos anarquistas.

UMA CRÍTICA SOCIOLÓGICA DO MOVIMENTO *BLACK POWER*

Numerosos temas são relevantes para interpretar o movimento *Black Power*, mas, dentre eles, os elementos-chave seriam a interseccionalidade, o nacionalismo revolucionário e as falhas do liberalismo. Cada um desses temas é brevemente apresentado aqui com exemplos de sua significância para os Panteras radicais, e mais evidências serão oferecidas em seções subsequentes. De início, e talvez de

maior importância, o fracasso do movimento por direitos civis em conquistar igualdade de fato foi interpretado como um fracasso do liberalismo (isto é, a ênfase em direitos individuais). O *Black Power* foi inicialmente uma crítica ao integracionismo (institucionalismo), com seus primeiros defensores focados em eleger políticos negros e formando organizações nacionalistas negras (Joseph, 2006). Então, em vez de se concentrarem em como integrar minorias raciais *dentro* do estado capitalista dos Estados Unidos, posteriormente o *Black Power* enfatizou a necessidade de autonomia econômica, política e cultural. O liberalismo considerou que o problema da desigualdade racial decorreria de mera intolerância ou exclusão, enquanto o *Black Power* entendeu a desigualdade racial como consequência da dominação racial resultante de um sistema de supremacia branca (Delgado & Stefancic, 2001).

Criticando o movimento por direitos civis dos anos 1960, Ervin (1995) argumenta que nem todas as organizações eram similares. Por exemplo, o Comitê dos Estudantes Não-violentos (*Student Nonviolent Coordinating Committee*) (SNCC) era

“anti-autoritário por não ter liderança... O poder estava nas mãos dos membros e dos organizadores de base.” (Ervin, 1995, p. 206). O anti-autoritarismo do SNCC – o qual era por parte inspirado pela conselheira da organização, Ella Baker (Ransby, 2003) – somente desapareceu quando a organização enfraqueceu e “os egos de liderança” inflamaram (Ervin, 1995). Comparativamente, Lutalo (2004) caracterizou o movimento moderno pelos direitos civis como “corrupto” e “oportunista”, e, também, discutiu que tais características existiram por décadas, dizendo que os líderes estão

“abertos por um preço, assim como Martin Luther King; ele aceitou dinheiro durante a marcha em Washington, ... [e] os seis grandes líderes dos direitos civis daquele período... Eles só queriam um lugar na mesa.”

Lutalo também propôs uma análise de classe do movimento, afirmando, “Eles [líderes do movimento] não têm os interesses do povo negro, *per se*, no fundo. Apenas olhem para a forma como *eles* vivem hoje e olhem para a forma como *nós* vivemos”. O número grande de protestos pelos direitos civis desde os anos 1960, como também a marcha de um milhão de homens

organizada pela Nação do Islã em 1995, foram casos orquestrados e não funcionaram para educar politicamente as massas negras (Ervin, 2000a). O movimento pelos direitos civis pode “ter servido à sociedade branca... mais do que aqueles que reivindicaram a vitória”, já que seu foco nos “direitos” era mais processual do que substantivo e facilmente interrompido “interpretação restritiva, obstrução administrativa e atraso” (Revolucionários Anti-autoritários de cor, 2002).

O feminismo negro e a análise da “matriz de dominação” da terceira onda feminista (Collins, 1990), especialmente referentes a raça e classe, são centrais para a evolução do Movimento de Libertação Negra (*Black freedom movement*)⁷. Por exemplo, os Panteras negras não somente criticavam a supremacia branca, como também observavam sua proximidade interativa com um sistema econômico explosivo que drenou mão-de-obra e saúde das comunidades negras, e a intenção governamental de repressão política nas cabines eleitorais e nas ruas das cidades. O “Programa dos Dez Pontos” dos Panteras articulou claramente essa

⁷ Para ser claro, a ênfase do feminismo negro na interseccionalidade marca um de seus primeiros pontos de entrada na academia. No entanto, essas tradições acadêmicas não desenvolveram

“interseccionalidade” pela primeira vez, já que muitos ativistas estadunidenses – incluindo anarquistas, como mostrado abaixo – fizeram análises comparativas muitas décadas antes.

matriz de raça e dominação de classe (Newton, 2009). Além disso, muitos – embora nem todos – Panteras eram sensíveis ao papel do patriarcado na sociedade, assim como dentro do próprio Partido (Cleaver, 2001). Os Panteras e outros expoentes do *Black Power* ajudaram a criar essa análise “interseccional” – criticando a dominação do Estado, a desigualdade de classe, raça e gênero. Assim, há interesses divergentes entre os negros de diferentes classes sociais, como também entre homens e mulheres negras, uma observação refletida pela análise dos anarquistas negros.

Finalmente, o movimento Black Power enfatizou a importância de um nacionalismo revolucionário em qualquer análise racial. O valor cultural, econômico e a autonomia ou a separação política da sociedade branca são centrais para a busca de um nacionalismo revolucionário. O nacionalismo negro, particularmente os Panteras, argumentava que negros estadunidenses deveriam recorrer às suas próprias comunidades pela sua liberdade (Alston,

2002a). Enquanto o Partido dos Panteras Negras talvez seja o mais conhecido exemplo de uma organização que incluiu um nacionalismo revolucionário⁸, ele não foi o único; outros exemplos de nacionalismo de esquerda do mesmo período incluem República da Nova África (Republic of New Africa), Movimento de Ação Revolucionária (Revolutionary Action Movement), (Liga Revolucionária dos Trabalhadores Negros (League of Revolutionary Black Workers), e o *Exército Negro de Libertação* (ver Ahmad, 2007).⁹ Alguns desses revolucionários defendiam “luta armada”, uma posição política que argumenta que a violência assume um papel na dominação racial, mas que também é um meio legítimo de autodefesa e mudança social. Desde o começo do Partido, existe uma ala em defesa da luta armada, a qual buscava servir como uma futura unidade militar para a América Negra. Na costa leste, muitos Panteras lentamente começaram a transitar para o *Exército Negro de Libertação*, sendo este o principal componente da luta armada do movimento *Black Power* (Umoja,

⁸ A ideologia do Black Panther Party (BPP) também envolveu uma variedade de outras influências – como será notado mais adiante – incluindo o marxismo-leninismo, o Maoísmo e a construção de coalizões e organizações comunitárias. Para mais detalhes dessas influências, consulte Brown (2011).

⁹ O nacionalismo revolucionário pode ser contrastado com o nacionalismo cultural, como o apresentado pela organização United Slaves (US) no sul da Califórnia.

1999)¹⁰ e os anarquistas negros Alston e Balagoon se afiliaram ao *Exército Negro de Libertação* (BLA). A militância do BLA (manifesta pela luta armada) ocupou a “ponta radical” entre a ação coletiva do movimento social e o terrorismo político (ver Beck, 2007). Os elementos da luta armada do Movimento de Libertação Negra estão geralmente ausentes das narrativas e histórias dos movimentos, assim como em outros países (por exemplo, África do Sul; Seidman, 2001).

Estes temas são cruciais para a compreensão sobre o porquê e como o anarquismo negro surgiu do movimento *Black Power*. Adiante, exponho um panorama recente do movimento anarquista predominantemente branco ao qual anarquistas negros eventualmente se uniram. Depois da Segunda Guerra Mundial, havia uma notável sinergia entre o anarquismo estadunidense e os ativistas negros. O movimento pelos direitos civis nos anos 1950 foi influenciado pelo anarco-pacifismo, estabelecido por um número de jornais

escritos e editados por antigos opositores conscientes. Por exemplo, Martin Luther King contribuiu com artigos para a revista *Liberation*, junto com anarquistas como David Wieck, Dave Dellinger, e Paul Goodman. O famoso ativista negro Bayard Rustin foi demitido em 1951 pela *Fellowship of Reconciliation* por conta de sua homossexualidade, mas logo em seguida foi contratado pela *War Resisters' League* liderada por anarquistas (Cornell, 2012). A estética anarquista era ativa, mesmo que inconscientemente, em outras organizações do *Black freedom movement*. Paul Goodman foi acusado de ter descrito a Comitê dos Estudantes não-violentos (SNCC) como uma “organização anarquista” (citado em Ervin & Abron, 2001), cuja conselheira Ella Baker foi uma defensora da auto-determinação e famosamente declarou, “Um povo forte não precisa de líderes fortes” (Ransby, 2003, p. 188). Embora Baker tenha encorajado a juventude envolvida na SNCC a permanecer independente das organizações dominantes de direitos civis

¹⁰ Embora nenhuma análise sistemática tenha sido realizada sobre o Black Liberation Army (BLA), os dados do National Consortium START mostram 37 atos de “terrorismo” atribuídos ao BLA, de 1970 a 1984, enquanto que 87% de todos os ataques ocorreram entre 1971 e 1973. Como organização de luta armada, o BLA

(com ênfase compatível com anarquistas, embora falha) atacou alvos estatais e capitalistas; 49% de todos os alvos eram policiais e 38% eram empresas (National Consortium for the Study of Terrorism and Responses to Terrorism, 2011). O epicentro da atividade do BLA foi a cidade de Nova Iorque, onde 62% de todas as ações do BLA ocorreram.

(especialmente a *Southern Christian Leadership Conference*) e influenciado uma estrutura descentralizada da SNCC, ela nunca se identificou como uma anarquista.

Em determinados aspectos, os Panteras foram influenciados pelo anarquismo: Eles reimprimiram o panfleto *O Catecismo Revolucionário* (*The Catechism of a Revolutionist*) (de autoria frequentemente atribuída a Mikhail Bakunin, mas provavelmente elaborado por Sergei Nechaev; Leier, 2006)¹¹ e adotaram a forma de distribuição anarquista de alimentos gratuitos do *San Francisco Diggers* em seu próprio programa de café da manhã gratuito para crianças (Carr, 2002). Ilustrando ainda mais os padrões de influência mútua, a organização anarquista contemporânea *Food Not Bombs* (FNB) tem desde então se inspirado em ambas iniciativas de distribuição gratuita de comida do *Digger* e dos Panteras Negras desde os anos 1980, em protesto contra o militarismo e a pobreza (Heynen, 2009). Discutirei posteriormente nesse artigo mais sobre o impacto dos Panteras sobre o anarquismo contemporâneo.

Em consequência do *Black freedom movement* dos anos 1960, algumas formações políticas Negras seguiram os métodos anarquistas. Talvez a que mais tenha se aproximado desses métodos seja a organização MOVE, na Filadélfia. Apesar da MOVE ser bastante diferenciada para com seus líderes carismáticos, Ervin (1995) declarou que

Suas políticas são anarquistas, incluindo plataformas ambientais e de direitos dos animais, são contra o governo como uma instituição, a favor de comunidades autônomas, estilo de vida e sociedade cooperativos... MOVE foi a primeira organização desde o Partido dos Panteras Negras a defender a autodefesa armada de negros e eu tenho um grande respeito por eles. Eles têm todos os elementos essenciais de uma formação política anarquista. (n.p.)

Após ter anteriormente adotado determinadas influências anarquistas, a luta pela liberdade negra influenciou o anarquismo durante os anos 1960 e 1970, sendo os Panteras Negras o melhor exemplo. Após discussões sobre raça que ocorrerem ao longo dos anos 1970 e 1980, uma das maiores organizações nacionalmente abrangentes e explicitamente anarquistas nos Estados Unidos a discutir atentamente e priorizar a relação de raça com anarquismo no período posterior aos anos 1960 foi a Federação Anarquista Revolucionária Amor e Raiva (*Love and Rage*

¹¹ David Hilliard também afirma que o líder dos Panteras, Eldridge Cleaver, citou o panfleto *The Catechism* (Hilliard & Cole, 1993, p. 181).

Revolutionary Anarchist Federation) nos anos 90.¹² Na verdade, desacordos filosóficos e políticos sobre raça foram um dos impulsos para o eventual declínio da organização (San Filippo, 2003). Ervin pertenceu à organização e Alston escreveu para seu jornal. Muitos em *Love and Rage* (1990-1998) – uma organização predominantemente constituída por pessoas Brancas – adotaram perspectivas como “traidor da raça” e “abolicionista branco” em resposta à dominação racial nos Estados Unidos.¹³ A divisão de *Love and Rage* de Nova Iorque escreveu no manual de 1997 (*Love and Rage Revolutionary Anarchist Federation*, 1997) que

[o] sistema de poder e privilégio racial conhecido como supremacia branca foi construído nos últimos 500 anos através do processo de conquista, colonização, genocídio e escravidão europeia dos povos da África, Ásia e Américas. Elementos da ideologia racista podem ser encontrados antes do período de expansão europeia e, desde então, essas ideias foram adaptadas às necessidades de grupos opressores não europeus em todo o mundo. (p. 30)

Embora essa tenha sido a primeira vez que muitos notaram o movimento anarquista estadunidense

lidando diretamente com questões de raça e colocando o domínio racial em pé de igualdade com formas de domínio derivadas do capitalismo e do Estado, essa não foi a primeira tentativa desse tipo desde a década de 1960. Ativistas negros, anteriormente afiliados formalmente aos Panteras Negras ou outras organizações, haviam feito isso antes, formulando um “Anarquismo Negro” nascido a partir de suas reações a determinadas características do Partido dos Panteras Negras (BPP).

Adiante, concentrarei nas ativistas de luta pela liberdade negra, os quais desistiram tanto do marxismo-leninismo quanto do maoísmo do Partido dos Panteras Negras (ver Brown, 2011) para posicionamentos e posturas anarquistas. Para entender esse desenvolvimento sócio-político, utilizo ideias de uma teoria de faccionalização radical. Conduzo uma análise histórica baseada nas memórias, documentos e na imprensa do movimento. Também utilizo novas e pré-existentes entrevistas

¹²*Love and Rage* começou como jornal em 1990, tornou-se uma rede em 1991 e se transformou em uma federação continental em 1993 (e dissolvida em 1998). Outros, é claro, discutiram questões de raça e de anarquistas negros, mesmo na década de 1970, incluindo o jornal *Revolutionary Anarchist #3* da *Social Revolutionary Anarchist Federation* (1972-1980), que cobriu as prisões de Martin Sostre. E outras organizações anarquistas, como o *Movement for a New Society* e a *George*

Jackson Brigade também se concentraram em raça.

¹³ Segundo Preston e Chadderton (2012), a perspectiva de “traidor de raça” (ver Ignatiev & Garvey, 1996) deve estar situada dentro do contexto da política marxista e anarquista, especialmente da organização autonomista *Sojourner Truth Organization* nos Estados Unidos (ver Staudenmaier, 2012), e se beneficiaria de uma síntese com a teoria crítica da raça.

com figuras-chaves próximas à tradição anarquista negra. Para esta análise, me apoio em figuras que foram anarquistas de destaque, auto-identificados, muitos dos quais também escreveram sobre o anarquismo negro em detalhes, incluindo Alston, Balagoon, Ervin, Lutalo e Sostre.¹⁴

FACCIONALIZAÇÃO RADICAL

Radicalização – por exemplo, de certos panteras negras frente a posições e identidades políticas anarquistas – tem sido um foco para os estudiosos de movimentos sociais. Não é incomum que movimentos sociais se dividam em diferentes configurações ideologicamente orientadas ou taticamente fundamentadas – especialmente quando as facções competem pelas mesmas pessoas, em um ambiente em que falta cooperação (Della Porta & Diani, 2006). Para organizações de movimentos que representam uma numérica minoria social, a completa vitória costuma ser rara e há muito debate sobre os modos “apropriados” de

se alcançar as metas. Nessa perspectiva, as deficiências percebidas no liberalismo comumente levam os movimentos a desenvolver um arranjo mais vasto de processos, que envolvem incorporação de grupos à hegemonia, clivagens majoritárias, e reorientações estratégicas. A faccionalização ocorre tipicamente quando os movimentos testemunham o bloqueio de seu progresso e quando ativistas devem reavaliar seus métodos. Até mesmo organizações de sucesso costumam reavaliar estratégias anteriores, por vezes, com recursos drásticos. Por exemplo, organizações diversas como a *American Federation of Labor*, *Earth First!*, *Students for a Democratic Society*, e a *SNCC* experimentaram fissuras internas – geralmente facilitadas por fatores externos do ambiente – que levaram a desfiliações de muitos de seus membros (Balser, 1997). Embora a ocorrência da oligarquização das organizações formalizadas dos movimentos sociais não seja necessariamente garantida, certamente

¹⁴ Vale repetir que esses cinco indivíduos têm muitas diferenças, em termos de público e estratégias de mudança social. O mais velho, Sostre, escreveu e contribuiu para entrevistas, além de fornecer um recurso comunitário com sua Livraria Afro-Asiática. Ervin continua a ser um organizador da comunidade após sua libertação da prisão; além de escrever o conhecido *Anarchism and the Black Revolution*, ele escreveu numerosos ensaios – em particular

para a Autonomia Negra – e participou de muitas organizações anarquistas. Balagoon morreu na prisão, e a maioria de seus “escritos” é extraída de fontes dispersas, como a revista *Bulldozer*, abolicionista de prisões. Alston atuou em vários movimentos após a prisão e escreveu para seu diário, *@narchist Panther*. Enquanto estava preso, Lutalo se comunicou através da *Anarchist Black Cross* (ABC) e foi entrevistado em vídeo.

grupos menos formalizados ou centralizados tendem a se radicalizar mais facilmente (Rucht, 1999). Não obstante, a criação do Anarquismo Negro está diretamente relacionada ao declínio do Partido dos Panteras Negras como resultado tanto das desfiliações de muitos de seus membros como pela oligarquização da organização.

Segundo Della Porta e LaFree (2012), a radicalização é “um processo de escalada que leva à violência” (p. 6). Enquanto uma definição um tanto hiperbólica, Della Porta e LaFree sabiamente consideram essa radicalização como parte de um padrão de comportamento e atitude, não somente afetando indivíduos isolados, como também pessoas no contexto de organizações e outras estruturas sociais. Portanto, a radicalização ocorre por uma abrangente rede de interação com as condições sociais e, geralmente, em relações conflituosas com forças do Estado, especialmente com a polícia. A radicalização no *Black Freedom Movement* nem sempre se transformou em incitações à violência (sem mencionar a violência de fato), mas envolveu a polarização da atitude política. Bastante dessa radicalização foi motivada por deficiências reconhecidas do movimento liberal de direitos civis e

por violência policial contra o movimento (Umoja, 1999). A luta armada – como defendida pelo *Exército Negro de Libertação* e por vários anarquistas negros – é mais bem vista como “um último recurso, empregado após todas as outras formas de ação política terem sido enfrentadas com severa repressão estatal” (Dudouet, 2012, p. 99), como visivelmente ocorreu com os panteras negras.

Diferentes processos podem convergir para impulsionar a radicalização. De acordo com a aplicação por Alimi (2011) da teoria da “dinâmica relacional” de Charles Tilly, a radicalização resulta da competição pelo poder entre atores dos movimentos quando uma parcela é desfavorável a ameaçar o sistema político, agravando a dinâmica de resposta/contra-resposta entre o movimento e o Estado. Dentro do *Black Freedom Movement* houve diferentes perspectivas entre defensores da não violência, da auto-defesa-pessoal, da luta armada, e entre aqueles que queriam direitos civis por meio do Estado e aqueles que queriam autonomia do Estado. Ao fim dos anos 1960, os Estados Unidos estavam menos tendenciosos a fazer concessões ao *Black Freedom Movement*, especialmente quando o movimento entrou nos estados

do norte e começou a focar em questões como pobreza e classe social. Frustrados com a falta de progresso, vários movimentos ativistas se tornaram mais assertivos para com suas demandas e estratégias, e se depararam com as forças policiais locais e o *Federal Bureau Investigation* (FBI) dispostos contra eles. Após os anos 1960, tiroteios entre a polícia e os Panteras Negras se tornaram mais comuns (embora muito mais Panteras fossem afetados negativamente nessas situações) e o controle do Estado – especialmente o *Counter-Intelligence Program* (CointelPro) do FBI – se colocou em peso contra o movimento.¹⁵

A radicalização do *Black Freedom Movement* tinha efeitos curiosos. O crescimento da influência de militantes no Comitê dos Estudantes não-violentos (SNCC) e no Congresso de Igualdade Racial beneficiaram principalmente grupos moderados (como o *Urban League* e a *National Association for the Advancement of Colored People*). Por exemplo, as revoltas urbanas encorajaram corporações a doar dinheiro para organizações como a *Urban League* e outras não mais radicais (como os Panteras Negras), na esperança de conter

possíveis futuras radicalizações e distúrbios negros (Haines, 1984).

A faccionalização ocorreu em uma variedade de organizações pela liberdade negra. No caso dos Panteras Negras, o partido se fragmentou em pelo menos três agrupamentos: um grupo eleitoralmente orientado em Oakland, grupos dos Panteras autônomos nos Estados Unidos, e um grupo associado a Eldridge Cleaver que formou o coração do Exército de Libertação Negra (BLA) de Nova Iorque (Rosenau, 2013). Alguns daqueles que se separaram do Partido – e não somente aqueles afiliados com o BLA – se tornariam anarquistas após receberem seus batismos políticos no Partido. Claro, a maioria das faccionalizações levou ativistas dos Panteras Negras a direcionamentos não anarquistas, incluindo aproximações ao nacionalismo cultural, à organização comunitária, ao Partido Comunista Revolucionário e ao Partido Democrático.

Inicialmente, Balagoon escreve favoravelmente sobre seu contato inicial com os Panteras: “quando os Panteras chegaram a Nova York, eu verifiquei o programa de dez pontos e o considerei

¹⁵ Note a observação do diretor do FBI, J. Edgar Hoover, de que os Panteras eram a principal

ameaça à “segurança interna” dos Estados Unidos (Churchill & Vander Wall, 1988).

inquestionável. O fato de ser de base comunitária era um aspecto bom” (Balagoon, 1971, p. 270). Contudo, mais tarde, eventuais *anarquistas* negros, incluindo Balagoon, criticaram o modelo de liderança e as estruturas de tomada-de-decisão dos Panteras, refletindo uma análise anti-autoritária. Segundo Ervin (1993),

Sinto que [o Partido dos Panteras Negras] falhou parcialmente por causa do estilo de liderança autoritário de Huey P. Newton, Bobby Seale e outros no Comitê Central... Muitos erros foram cometidos porque a liderança nacional estava tão divorciada das divisões locais em cidades de todo o país e, portanto, engajada em “mandamentos” ou trabalho forçado ditado pelos líderes... Não havia muita democracia interna e, quando surgiram contradições, foram os líderes que decidiram sua resolução, não os membros. (pp. 92-93)

Balagoon (2001) mais tarde caracterizaria o Partido como uma “hierarquia” que possuía pretensões imerecidas de grandeza (p. 115). O que mais devastou a efetividade do Partido ocorreu quando

se afastou de seus propósitos de libertação da colônia negra para arrecadar fundos. Nesse ponto, a liderança foi importada e não desenvolvida localmente, e a situação se deteriorou rápida e drasticamente... Os líderes começaram a viver financeiramente bem, enquanto os membros ordinários vendiam jornais, eram filtrados, deixando para trás robôs que não contestariam a política (pp. 75-76)

Com o declínio do BPP, ex-líderes como Bobby Seale “se

venderam”; de acordo com Sostre (1976, p. 13), “Após defender a destruição do sistema porco, [Seale] tentou entrar nele”. Alston (n.d.) mais tarde identificou sua própria aceitação acrítica da liderança do BPP:

Percebi que havia um problema com meu amor por pessoas como Huey P. Newton, Bobby Seale, e Eldridge Cleaver e o fato de eu tê-las colocado em um pedestal. Afinal, o que isso diz sobre você, se você permite que alguém se estabeleça como seu líder e tome todas as suas decisões por você? O que o anarquismo me ajudou a enxergar foi que você, como indivíduo, deveria ser respeitado e que ninguém é importante o suficiente para pensar por você. (n.p.)

Em concordância, Alston (2004, p. 5) observou que os movimentos de libertação com orientação marxista da década de 1960 se tornaram “menos inclusivos, menos espontâneos, menos democraticamente participativos”.¹⁶ Sostre (1976, p. 28) declarou que muitos marxistas-leninistas defendiam “repressão e restrições em direitos humanos”, como caminho para derrubar o capitalismo. Como notado por Dragadze (1996, p. 345), separatistas têm comumente rejeitado as tentativas de marxistas de se unir às lutas contra o capitalismo imperialista, escolhendo empreender essa luta independentemente dos marxistas.

¹⁶ Huey Newton (1968) endossou explicitamente um partido de vanguarda e condenou a ênfase dos anarquistas em uma revolução anti-estatal. Em

resposta, Bookchin (1969) desafiou a interpretação de Newton sobre a Revolta de Paris de 1968 e levantou o problema de usar meios hierárquicos para alcançar fins libertadores.

Consequentemente, antigos membros do BPP, que mais tarde se opuseram e se tornaram anarquistas, caracterizaram o problema-chave da BPP como uma oligarquização. De acordo com Johnson (1998), que toma emprestado a “teoria das elites” de Robert Michels (1949, p. 392), os Panteras teriam declinado, em parte, devido a sua centralização organizacional e ao culto à personalidade.¹⁷ Especificamente,

o Partido passou de uma grande e descentralizada organização revolucionária para um pequeno e altamente centralizado grupo reformista. Em 1974, grande responsabilidade havia sido colocada nas mãos de um único indivíduo – Huey P. Newton – que frequentemente usava esse poder de forma irresponsável e destrutiva.

Ervin (1993, p. 93) observou que “muitas vezes os líderes possuem uma agenda, os seguidores possuem outra”. Portanto, não surpreende que os “líderes” da luta *Black freedom* não estivessem dentre aqueles que se dirigiriam em direção ao anarquismo, mas sim dentre os membros ordinários do movimento. O desconforto sentido por membros ordinários¹⁸ para com a estrutura organizacional e autoritária dos Panteras negros provocou reflexão, que

eventualmente resultou no Anarquismo Negro.

ORIGENS DO ANARQUISMO NEGRO

O Anarquismo Negro não surgiu autonomamente dentro do vasto movimento anarquista branco nos Estados Unidos, mas, pelo contrário, surgiu ao se apartar da orientação marxista-leninista da luta *Black freedom*. Certas condições pareceram ter ajudado nesse processo. Primeiro, muitos anarquistas negros tiveram experiências semelhantes de encarceramento que, em alguns casos, criaram oportunidades favoráveis para transformação política. Devido à supressão do governo (particularmente do CointelPro do FBI), ex-Panteras encararam exclusivamente um alto índice de encarceramento dentre os ativistas dos movimentos dos anos 1960 (Churchill & Vander Wall, 1988). Isso foi particularmente verdade para aqueles no interior dos grupos mais militantes da luta *Black freedom* (Muntaqim, 2002). A distância geográfica e espacial dos movimentos externos e o tempo extra para reavaliar

¹⁷ A repressão estatal é proeminente entre outros fatores atribuídos ao declínio do BPP.

¹⁸ De fato, muitos ex-líderes Panteras seguiram em direções reformistas e por vezes reacionárias,

sendo o mais dramático exemplo representado pela transformação de Eldridge Cleaver como um novo cristão, apoiador de Ronald Reagan e defensor da integração negra no capitalismo estadunidense (Lavelle, 2012).

as estratégias anteriores podem ter desempenhado um papel fundamental para a criação do Anarquismo Negro. Balagoon (2001) declara, “Uma vez capturado por assalto à mão armada, tive a oportunidade de ver a fraqueza do movimento [Panteras Negras] e de colocar a ofensiva do Estado em perspectiva” (p. 75).

A transformação na prisão não é exclusiva dos anarquistas negros. Malcolm X, famosamente, se converteu para a Nação do Islã quando estava na prisão (X, 1990), o que foi uma das suas várias “reinvenções”, de acordo com Marable (2011). O ativista da prisão e membro do BPP, George Jackson, originalmente foi politizado quando esteve preso (Jackson, 1994).¹⁹ Antigo membro do *Weather Underground*, David Gilbert (correspondência pessoal, 21 de Outubro de 2012) declara que as prisões nos anos 1960 e 1970 eram menos perturbadoras para os presos do que o mundo exterior, encorajando,

assim, reflexão política e leitura – também foram benéficos os movimentos sociais ativos do período e a falta de TV nas celas. Ainda assim, as condições empobrecidas e dominadas das prisões e dos bairros urbanos negros eram tão análogas que a radicalização que ocorria dentro de comunidades ao redor das prisões facilmente se traduzia e se infiltrava nas comunidades prisionais (Johnson, 1975).

O boca a boca foi um percurso chave para a adoção do anarquismo por esses ativistas negros. Ervin (1993) mencionou que só teve acesso ao anarquismo depois que foi detido na Alemanha Oriental. Ele recebeu a literatura anarquista na prisão em 1973, mas afirmou que sua primeira consideração séria sobre o anarquismo ocorreu por meio do encontro com Martin Sostre em 1969.²⁰ Sostre, dono de uma livraria afro-americana em Buffalo, Nova Iorque, e que foi sentenciado à prisão por falsas acusações de drogas

¹⁹ Compare isso com as conversões religiosas na prisão (por exemplo, Maruna, Wilson & Curran, 2006). Como tais, características comuns entre conversões políticas e religiosas nas prisões podem incluir a capacidade de adotar uma nova e transformadora identidade; de receber direção e significado durante o encarceramento; e de se sentir potencialmente fortalecido.

²⁰ Alston (2002b) também relatou ter recebido literatura anarquista na prisão: “Esses pequenos panfletos anarquistas estavam facilmente

disponíveis em lojas de informações em Detroit e Canadá, e eles estavam entrando nas prisões. Eu não era mais avesso a ler e aprender com eles. Mas eu só os vi fazendo muitas boas e interessantes críticas ao capitalismo [sic] e aos grupos autoritários de oposição, como sindicatos e partidos de vanguarda. . . . Essas leituras eventualmente me levaram de volta à leitura e releitura de obras anarquistas como um estudo sério de seu quadro de referências, seus princípios, seu estilo e sua relevância contemporânea.” (pp. 19, 21).

(ver Copeland, 1970), pode ter sido o primeiro anarquista negro convertido posterior à onda de movimentos dos anos 1960:

Acreditando que um público negro teria dificuldade em aceitar a linguagem da anarquia, em 1972 [Sostre] escreveu sobre sua falta de vontade de “introduzir termos estrangeiros [como anarquia] no gueto-colônia, com os quais irmãs e irmãos não conseguem se identificar”. Como anarquista, ele admitiu ser um novato. Até 1972 ele havia lido apenas “esboços de Kropotkin, Bakunin e outros [e] ainda não havia lido um livro inteiro sobre anarquismo” (Schnaich & Hope, 1977, pp. 294-295).

Sostre (1976) sentiu que o problema era a “linha partidária” marxista-leninista e “toda a estrutura” (p. 28), que substituíam elites dominantes, mas não promoviam a liberdade humana. Alston (2002b) adotou o anarquismo por meio do seu relacionamento com Frankie Ziths (que se tornou, posteriormente, um renomado fotógrafo):

Meus próprios estudos independentes, provocados pela Pantera Frankie Ziths... me forneceram minha primeira leitura anarquista... as anotações manuscritas de Frankie nas laterais dessas leituras sempre relacionavam as “lições”, como, por exemplo, a traição dos comunistas russos com relação aos maknovistas e a nossa possível traição por comunistas brancos e outros ativistas brancos privilegiados (p. 19)

Lutalo credita a Balagoon por introduzi-lo às críticas ao marxismo-leninismo em 1975, especificamente à “ineficácia do marxismo em nossas comunidades junto da burocracia repressiva que o acompanha” (“Free Ojore Lutalo”, 1992).

Anarquismo passou a fazer sentido para antigos Panteras que estavam frustrados com a direção oligárquica do partido. De acordo com o companheiro de prisão de Balagoon, David Gilbert (correspondência pessoal, 21 de Outubro de 2012), Balagoon não somente era crítico da burocracia e do caráter repressivo do marxismo-leninismo, mas também “era um espírito livre em vários sentidos, frequentemente muito criativo, e alguém que não se propunha a chefiar as pessoas... [Ele] tinha muita fé na habilidade das pessoas de tomar as redes de sua própria sociedade”. Igualmente, Alston (2011) escreve que ele, cada vez mais, queria “poder ficar com as pessoas”. Lutalo (2004) descreveu suas novas crenças anarquistas dizendo,

Eu apenas acredito no processo de consenso, acredito no processo autônomo. Acredito que as pessoas são inteligentes o suficiente para governar suas próprias vidas e tomar suas próprias decisões sem que alguém colete bilhões de dólares em impostos e te diga o que deveria e o que não deveria ser. A maioria das organizações de Esquerda e Direita deseja reprimir, tem ambição e poder, fome de poder, fome de dinheiro. E eles farão qualquer coisa para manter esse poder específico. Eles não consultam as pessoas da classe baixa, tomam decisões por eles e eu sinto que isso está errado. Por isso me tornei anarquista.

Essa análise mais minuciosa da liderança dos Panteras Negras levou esses indivíduos a se identificarem com o anarquismo, como oposição ao nível macro e pela rejeição filosófica da

legitimidade dos Estados soberanos. Enquanto alguns – particularmente Ervin em seu vastamente conhecido livro *Anarchism and the Black Revolution* – descreveram-se como “anarquistas negros”, outras nomenclaturas também foram utilizadas. Balagoon e Lutalo se identificavam como “novos anarquistas afrikanos”, para enfatizar que eles eram africanos, que acabaram por estar vivendo na América, e assim não eram “estadunidenses africanos” (Balagoon, 2001; Ervin, 1994). Alston adotou o rótulo de pantera anarquista, que também se tornou o nome da zine que ele publicou durante os anos 2000.²¹ Embora a identificação deles como anarquistas seja uma observação chave a ser feita, é igualmente crucial o fato de que – ao contrário de muitos outros anarquistas – eles também tinham uma identidade racial importante a afirmar; assim, os apelidos “negros”, “New Afrikan”, ou “Panteras” se fixavam a seus rótulos políticos mais amplos.

VISÕES DO ANARQUISMO NEGRO E RELAÇÃO COM ANARQUISTAS BRANCOS

A visão do Anarquismo Negro reflete o ceticismo do movimento *Black Power* em relação à reforma liberal, enfatiza a matriz de dominação em sua lente analítica, e a priorização do nacionalismo revolucionário. Crucialmente, como sugerido acima, o Anarquismo Negro – assim como o anarquismo convencional – é resistente à influência e à intervenção dos chamados líderes, ainda que sejam somente figuras autoritárias carismáticas. Essa análise foi a principal motivação para a ruptura radical dos anarquistas negros com o BPP. Alston (1999) escreve que

As organizações de-cima-para-baixo [e] as organizações de liderança se baseiam em relacionamentos em que alguns são o cérebro e a maioria são sem cérebro e, portanto, NECESSITAM daqueles com o cérebro. Eu rejeito isso. Eu amo a mim mesmo e amo o povo e, portanto, todos temos cérebros e juntos somos mais inteligentes do que qualquer pequeno grupo de imbecis que afirmam ser meus/nossos líderes (pp. 3-4, ênfase no original).

Até mesmo rejeitando o autoritarismo do Partido dos Panteras Negras, os anarquistas negros mantiveram a ênfase dos Panteras sobre organização comunitária. Ervin (1999) defendeu um anarquismo que implementou “programas de sobrevivência”, que conquistaria o “respeito” pelos anarquistas em meio a

²¹Olson reflete grande parte de minha análise aqui em suas notas de rodapé, assim como Organise (“From Panther to Anarchist”, 2009).

populações desfavorecidas. Consequentemente, essas populações não deveriam somente ser protegidas, como também deveriam cuidadosamente se auto-organizar. Ervin (2000b) afirma que “devemos armar [o povo], não apenas com armas, mas com ideologia revolucionária. Eles fazem a revolução, não uma força subterrânea de vanguarda. Não há heróis ou salvadores condescendentes; devemos agir como nossos próprios libertadores” (p. 25).

Um componente chave para o novo Anarquismo Negro era sua crítica às múltiplas instituições de dominação.²² Por exemplo, Balagoon (2001) notou que anarquistas não eram meramente anti-estatistas, como também se recusavam a “reconhecer fronteiras” e eram, portanto, anti-imperialistas. De maneira mais ampla, o Anarquismo Negro é interseccionalista.²³ Capitalismo e racismo eram nitidamente inimigos dos anarquistas negros, mas ultimamente “todo tipo de ‘ismos’ negativos” passaram a ser alvos deles (Alston, 2002a). Ervin (1993) faz essas conexões mais explicitamente:

Anarquismo significa que nós teremos mais democracia, igualdade social, e prosperidade

econômica. Eu me oponho a toda forma de opressão fundada na sociedade moderna: patriarcado, supremacia branca, comunismo estatal, ditado religioso, discriminação contra gays, etc (p. 98).

O caminho para negros estadunidenses lutarem contra essas múltiplas formas de discriminação, de acordo com Ervin, a quem Heynen e Rhodes (2012) se referem como um intelectual negro orgânico, é o envolvimento em métodos anarquistas de resistência já testados, como a recusa popular em pagar impostos, a participação em greves de aluguel e greves comuns de trabalho, o boicote às empresas americanas, e o fim da brutalidade policial. As demandas comunitárias devem, na verdade, ser providenciadas pelos próprios membros da comunidade – e se a comunidade é uma comunidade negra, então os negros devem ser os responsáveis por controlar essas iniciativas. Ervin defende a construção de conselhos comunitários locais para a realização de decisões políticas, para a criação de sociedades bancárias de apoio mútuo e cooperativas de habitação, e para que a comunidade e os trabalhadores controlem os sistemas

²² Aliás, os anarquistas em geral enfatizam a interseccionalidade (Williams, 2012). Por exemplo, veja o foco de Bookchin's (2005) sobre “a dominação dos jovens pelos velhos, das mulheres pelos homens, de uma etnia por outra ...”

²³ A interseccionalidade ocupa uma posição de destaque nos futuramente mencionados *Anarchist People of Color* e em seu trabalho em dois volumes chamado *Our Culture, Our Resistance* (Aguilar, 2004).

de alimentação, de trabalho e de instituições educacionais (Ervin, 1993). Esses esforços equivalem ao nacionalismo revolucionário negro, por meio do qual os membros da comunidade, para suprir suas próprias necessidades, substituem o Estado e o capitalismo.

Para Alston (2002a), até mesmo com as deficiências do nacionalismo negro (“sexismo histórico, hierarquia, ou suas armadilhas modernistas”), este ainda era a força que rotineiramente unia negros estadunidenses e oferecia recursos e direções importantes para lutas de mudança social. Alston entende o nacionalismo com um potencial anti-Estado (como o anarquismo). Quaisquer hierarquias internas ao movimento nacionalista devem obrigatoriamente ser resolvidas por nacionalistas revolucionários (que pertencem àquela “nação”). Sendo assim, o Anarquismo Negro é “negro” assim como é o Feminismo Negro – enfatizando a negritude no meio anarquista, ou um “polo” a partir do qual se criticaria o privilégio branco nesse meio. Nem todos os anarquistas estão confortáveis com a introdução de temas nacionalistas no anarquismo, particularmente na medida em que o nacionalismo leva à formação de novos Estados ou à simples troca de

grupos dominantes e dominados.

Simultaneamente “há um entendimento novo dentre pelo menos alguns anarquistas sobre como a supremacia branca é ao mesmo tempo estrutural e ideologicamente uma arma que proíbe a construção de um movimento verdadeiramente libertador nessa terra” (Ervin, 1993, p. 3), anarquistas negros e sua ênfase no racismo nem sempre foram aceitos por seus colegas anarquistas estadunidenses. As lutas enfrentadas por participantes racialmente sub-representados no movimento anarquista estadunidense ilustraram a necessidade de se enfatizar a análise inteseccional do anarquismo, particularmente sobre dominação racial. Hoje, é mais provável que os anarquistas, em sua maioria (brancos ou não), aceitem o foco de anarquistas negros no racismo, mas são críticos aos temas de nacionalismo revolucionário que podem acompanhá-lo.

Balagoon era crítico dos

anarquistas estadunidenses, predominantemente brancos, que não apoiavam a libertação nacional dos oprimidos e que geralmente eram negligentes em relação ao racismo e no não entendimento da estrutura profunda da supremacia branca. Muito de seu foco [de Balagoon] em seu último ano [antes de sua morte] estava em discutir o anti-racismo contra o movimento anarquista (D. Gilbert, personal correspondence, October 21, 2012)

Como já argumentou Alston (2002a), talvez isso se dê por conta de a

maioria de anarquistas estadunidenses [brancos] não entenderem as experiências de negros estadunidenses numa sociedade de supremacia branca.

Tal ignorância afetou a capacidade dos anarquistas brancos de serem bons anti-racistas e aliados dos negros estadunidenses. Segundo Ervin, os sindicatos anarco-sindicalistas *Industrial Workers of the World* e a *Love and Rage Revolutionary Anarchist Federation* eram resistentes às tentativas de Ervin de criar “organização de trabalhadores de cor” ou “organizações semi-autônomas de pessoas de cor”. Ele sentiu-se “castigado” por ativistas importantes e percebeu que suas propostas foram rejeitadas por defenderem “separatismo” (Ervin & Abron, 2001). Essa hesitação e falta de vontade de incorporar pessoas de cor em seus próprios termos levaram a “um problema realmente sério na incapacidade [do movimento anarquista] para interagir com as pessoas de cor” assim como expressões de “racismo absoluto”, e “condescendência e conivência”. (Ervin & Abron, 2001).²⁴ Consequentemente, Ervin expressou se

sentir deslocado dentro do movimento, apesar de sua política anarquista.²⁵ “O movimento anarquista na América do Norte é predominantemente branco, de classe média e, em sua maioria, pacifista, de modo que surge o questionamento: por que faço parte do movimento anarquista, se não sou nenhuma dessas coisas?” (Ervin, 1993, p. 92). Essas atitudes foram motivadas pelas previsões de Ervin de que “negros e hispânicos certamente constituirão a espinha dorsal do movimento anarquista dos Estados Unidos no futuro” e, portanto, ele queria “aplicar o anarquismo à comunidade negra” (p. 92). Em resposta a sua sensação de isolamento, Ervin trabalhou para criar espaços para pessoas de cor dentro do movimento anarquista.

INFLUÊNCIA DO ANARQUISMO NEGRO SOBRE O ANARQUISMO MODERNO

O termo *Anarquismo Negro* implica na interação entre “negro” e “anarquismo”. Assim sendo, isto tem agrupado divergentes tradições em formas criativas. Embora o que foi dito acima

²⁴ Ribeiro (2005) associa o movimento anarquista predominantemente branco da América do Norte à senzala brasileira, onde escravos negros eram isolados nas plantações de seus senhores.

²⁵ Mais tarde, Ervin (1996b) notou um apoio crescente entre os anarquistas brancos, escrevendo, “Para seu crédito, os anarquistas brancos e os esquerdistas anti-autoritários têm geralmente apoiado a luta negra em comparação [aos marxistas].”

descreva a rejeição dos anarquistas negros à hierarquia dos Panteras Negras (BPP), muitos anarquistas contemporâneos compartilham certos valores, focos, e atividades do BPP. Por exemplo, o Partido apontou para as manifestações mais flagrantes de racismo – em particular os políticos locais, policiais e empresários –, bem como formas sutis de racismo. Compare isso com a organização de viés anarquista e majoritariamente branca Ação Anti-racista (*Anti-Racist Action*) (ARA), que hoje se concentra em se opor aos esforços de organização de fascistas e racistas brancos, como neonazistas, Ku Klux Klan e skinheads. Contudo, embora a ARA tenha sido formada para enfrentar os esforços de organizações fascistas e racistas dos brancos, Ervin (1996a) a criticou por seu foco em indivíduos, manifestos, negligenciando outras instituições (como, por exemplo, polícia, tribunais, proprietários de terras, entre outros) que produzem resultados racialmente desiguais e discriminatórios, mas geralmente sem retórica racista (pp. 3, 13). Outras críticas à ARA dos anos

1990 sugeriam que seus ativistas apresentavam uma espécie de daltonismo antirracista (O'Brien, 1999). Muitos polos locais da ARA criaram programas de CopWatch – comparáveis às infames patrulhas de bairro do BPP que monitoravam a má conduta policial – embora agora com o auxílio de tecnologias modernas, como câmeras de vídeo. Assim como os Panteras acreditavam e defendiam a autodefesa armada e os presos políticos, a *Anarchist Black Cross* (ABC) também apoia os direitos das pessoas à autodefesa e à luta armada²⁶, além de apoiar muitos presos políticos e prisioneiros de guerra²⁷ que eram membros do BPP e do BLA, muitos dos quais não se identificam como anarquistas. Anarquistas e ABC são alguns dos poucos da esquerda a dar apoio político prisional e ativismo aos militantes do movimento dos anos 1960. Como mencionado acima, o FNB anarquista distribui comida gratuitamente às pessoas, o que reflete um dos programas de sobrevivência mais importantes da BPP, o *Free Breakfast for Children Program*.²⁸ Embora o FNB não

²⁶ Veja a defesa de Lutalo (1998) da autonomia organizacional dos grupos locais da ABC para defender a autodefesa armada, independentemente das percepções do público ou da recusa de outros grupos da ABC em fazer o mesmo.

²⁷ Prisioneiros de guerra são aqueles, como Balagoon (2001), que rejeitam a jurisdição legal

dos Estados Unidos sobre pessoas de cor e que lutam contra as forças legais e militares dos Estados Unidos (como na BLA). Inúmeros grupos da ABC em todo o mundo apoiaram Ervin enquanto ele estava na prisão (Ervin, 1993).

²⁸ Para saber mais sobre os programas de sobrevivência do BPP, veja Abron (1998).

tenha sido diretamente inspirado pelo BPP, o trabalho do FNB foi mencionado como tendo objetivos compatíveis com os programas dos Panteras.

Talvez a semelhança ideológica mais proeminente entre os valores anarquistas e do BPP seja a ênfase compartilhada sobre a autonomia e o controle da comunidade, apesar de que o significado de “autonomia” implique em “autonomia racial”. Assim como Panteras e outros membros do movimento “*Black Power*” exigiram autodeterminação racial com seu slogan “poder negro agora!”, os anarquistas valorizam o “poder do povo” e, ao fazê-lo, rejeitam as demandas do movimento dos direitos civis ou de outras organizações de pressão liberal que procuravam simplesmente estender os direitos legais aos cidadãos.²⁹ As convergências coincidentes entre o anarquismo e o BPP são numerosas, como observa Heynen (2009, p. 414),

Como tradições anarquistas em que a organização era ou não é simplesmente uma tensão escalada entre o Estado e os grupos locais de pessoas que produzem coletivamente modos de vida alternativos por meio de ação direta, a organização do BPP reconheceu o poder da política de apoio mútuo no ambiente local como

nunca antes visto nos Estados Unidos.

Desde o fim do BPP (e do BLA), a síntese do Anarquismo Negro tornou-se mais explícita. O grau com que o BPP possuía certas características anarquistas pode explicar parte do apelo sentido pelos ex-integrantes do BPP por movimentos anarquistas. Ervin e outros formaram a *Black Autonomy Network of Community Organizers* (BANCO) e a *Federation of Black Community Partisans* (FBCP)³⁰, e publicaram o jornal *Black Autonomy*, dos anos 1990. Com pontos em Washington, Michigan, Tennessee e outros lugares, essas configurações introduziram ideias anarquistas nas lutas das comunidades, especialmente daquelas envolvendo questões de desigualdade e discriminação racial. A *Black Autonomy* publicou numerosos trabalhos de Ervin durante seus quatro anos de duração, introduzindo um público amplamente anarquista a mais ideias da pessoa conhecida por alguns como o autor de *Anarchism and the Black Revolution*. Editado por Greg Jackson, o jornal

²⁹ Chris Crass (2001) destaca a curiosa discrepância racial entre a demanda da famosa banda anarco-punk [Branca] Crass, em 1982, para “Destruir o Poder!” (sem relação) com o slogan “Todo o Poder para o Povo!” do BPP (que Alston [sem datação] gosta de apresentar ao público anarquista).

³⁰ O “programa provisório” da *Federation of Black Community Partisans* (FBCP), publicado

na segunda edição da *Black Autonomy*, aparece modelado no *Panther Ten Point Program*, embora seja mais explícito em nomear seus inimigos: o Estado-nação, capitalismo, imperialismo, e supremacia branca. Mais tarde, Jackson escreveu que o a FBPV “barely even started” e era uma “organization in name only” (Lewis, 2004, p. 79)

destacou-se pelo tratamento de questões contemporâneas (insurreições urbanas, a Marcha de Um Milhão de Homens, e outros temas racializados da época), reflexões radicais e pela reportagem de notícias sobre a brutalidade policial e o movimento pela liberdade negra, e pela exposição de ideias anarquistas sob a perspectiva dos radicais negros³¹. Jackson (1995, p. 3) escreveu ao final da introdução da primeira edição da *Black Autonomy*, publicada em 1995, “É hora de começarmos de onde o Partido dos Panteras Negras parou!!!”. O rótulo *Black Autonomy* é, em si, um esforço para minimizar certos aspectos do “nacionalismo revolucionário” dos Panteras que os anarquistas consideravam problemáticos, como o desejo de criar um Estado-nação negro independente (como a República da Nova África).

Finalmente, a tentativa mais recente de ampliar as lentes raciais do anarquismo se uniu em torno das iniciativas da organização “Pessoas de Cor Anarquistas” (*Anarchist People of Color* – APOC). Apesar de se inspirar no Anarquismo Negro e em um convite inicial divulgado por indivíduos conhecidos, como Ervin, a APOC incluía

minorias raciais de origens diversas (negros, asiáticos e latinos). A APOC realizou várias conferências nacionais (incluindo a primeira em Detroit em 2003, com mais de 100 participantes), teve vários coletivos locais formados em cidades dos Estados Unidos, e publicou uma coleção editada em dois volumes chamada *Our Culture, Our Resistance* (*Nossa cultura, nossa resistência*). Segundo Aguilar (2003b), a APOC atua como um espaço seguro para que pessoas de cor anarquistas compartilhem suas histórias e se solidarizem, elaborem estratégias sobre como superar as opressões internalizadas e terem um amortecedor entre eles e o movimento anarquista predominantemente branco, que ainda inclui pessoas com preconceitos raciais. Ribeiro (2005) se refere à APOC como um *quilombo* – zonas autônomas no Brasil onde escravizados fugidos se reuniam e criavam relações sociais mais igualitárias – e considera a APOC um “projeto consciente de autodeterminação para pessoas de cor”. Consequentemente, o espaço criado pela APOC permitiu que pessoas de cor anarquistas articulassem uma visão anarquista a outras pessoas de cor, além

³¹ Jackson afirmou que os anarquistas brancos geralmente eram os que lhe contavam da

inspiração que haviam tirado da leitura do *Black Autonomy* (Lewis, 2004).

de advogar por uma análise mais forte de raça e etnia dentro do movimento anarquista. Embora a APOC tivesse apenas um eixo tênue dentro do anarquismo estadunidense, resultou em muitas consequências positivas: e mais importante, lembrando o movimento de que raça era questão de identidade crucial e fonte de dominação. A primeira conferência da APOC foi amplamente apoiada pelo movimento anarquista, que mesmo de maioria branca, angariou fundos e se ofereceu para fornecer segurança aos participantes depois que os nazistas ameaçaram atacá-los (Aguilar, 2003a).

CONCLUSÃO

O Anarquismo Negro se desenvolveu autonomamente dentro da luta radical pela *Libertação Negra* dos Estados Unidos, inspirada em parte pela organização comunitária do Partido dos Panteras Negras, mas também pela repulsa a seus métodos autoritários. As estruturas teóricas mais fortes para entender esses desenvolvimentos são a faccionalização radical e a teoria crítica da raça – especialmente a rejeição deste último ao liberalismo, sua interseccionalidade e sua priorização do nacionalismo revolucionário. Em particular, os anarquistas negros deram

continuidade as críticas dos Panteras Negras radicais em relação às deficiências do movimento liberal e reformista dos direitos civis. Ao mesmo tempo, eles criticaram o Partido dos Panteras negros por suas tendências patriarcais, e potencializaram, pelas lentes do anarquismo, a crítica do BPP ao Estado estadunidense. Finalmente, os anarquistas negros enfatizaram o nacionalismo revolucionário pioneiro no *Black Power Movement* que defendia conselhos de bairro, uniões sindicalistas e unidades de defesa da comunidade administrados por negros. Eles também desejavam autonomia em relação ao capitalismo e ao Estado estadunidense, muito mais do que o BPP de Oakland, eventualmente orientado para as eleições.

As teorias de faccionalização radical ajudam a entender as maneiras pelas quais alguns ativistas negros desenvolveram posições políticas anarquistas e se afastaram da ideologia marxista-leninista. Especificamente, a crítica anarquista sobre hierarquia e autoridade facilitou a análise dos anarquistas negros sobre as autoridades do BPP. Esses anarquistas negros interpretaram a liderança do BPP como autoritária, e ficaram descontentes com o reformismo e o culto à personalidade do

partido, que foram questões chaves que levaram – ideológica e fisicamente – ao distanciamento dos anarquistas negros do BPP. Como sugerido por pesquisas anteriores, a fragmentação assumiu várias formas e trajetórias diferentes, das quais somente uma era o Anarquismo Negro.

A mais influente fonte contemporânea das amplas visões anarquistas sobre raça é o legado de ativistas anarquistas e autores citados aqui. Consequentemente, o anarquismo estadunidense não é mais uma questão quase que exclusiva dos brancos, embora tenha levado muitas décadas para que a raça fosse posicionada mais centralmente na análise e no ativismo do movimento, e questões de raça, privilégio branco e racismo continuam sendo preocupações dentro do movimento. Ainda assim, a escrita de autoras feministas negras foi quase que igualmente significativa para o anarquismo estadunidense nas décadas de 1990 e 2000. Além dos cinco anarquistas negros discutidos neste artigo, o trabalho de Angela Davis, bell hooks, Audre Lorde, e outros também foram inspirações importantes para o desenvolvimento da interseccionalidade do anarquismo. Ademais, embora o Anarquismo Negro tenha tido influência

fora dos Estados Unidos, seria errôneo supor que ele fala pelos negros em todo o mundo, particularmente na África (ver Mbah & Igariwey, 1997, para um entendimento mais claro).

Agradecimentos

O autor agradece a Andy Cornell, Suzanne Slusser, Spencer Sunshine, e Jake Wilson.

Declaração de interesses conflitantes

O autor declara não haver potenciais conflitos de interesse com relação à pesquisa, autoria e/ou publicação deste artigo.

Financiamento

O autor não recebeu apoio financeiro para essa pesquisa, autoria, e/ou para a publicação desse artigo.

Referências Bibliográficas

Abron, J. M. (1998). “Serving the People”: The survival programs of the Black Panther Party. In C. E. Jones (Ed.), *The Black Panther Party reconsidered* (pp. 177-192). Baltimore, MD: Black Classics Press.

Aguilar, E. (2003a). *APOC conference overview*. Disponível em: <<http://www.ainfos.ca/03/oct/ainfos00186.html>>.

Aguilar, E. (2003b, June 28). Race and anarchism: An interview with Ernesto Aguilar. *The Female Species Zine*. Disponível em:

<http://www.ainfos.ca/03/jun/ainfos00562.html>

Aguilar, E. (2004). *Our culture, our resistance: People of color speak out on anarchism, race, class, and gender*. Autor. Edições arquivadas existem via “The WaybackMachine”: https://web.archive.org/web/20060305234117/http://www.illegalvoices.org/downloads/ocor_book_1.pdf e https://web.archive.org/web/20060305233734/http://www.illegalvoices.org/downloads/ocor_book_2.pdf

Ahmad, M. (2007). *We will return in the whirlwind: Black radical organizations 1960–1975*. Chicago, IL: Charles H. Kerr.

Alimi, E. Y. (2011). *Relational dynamics in factional adoption of terrorist tactics: A comparative perspective*. *Theory and Society*, 40, 95-118.

Alston, A. (n.d.). *Black anarchism: A talk by Ashanti Alston*. Boston, MA: Boston ABC.

Alston, A. (1999). The good readings zine. *Anarchist Panther*, 1(1), 3-4.

Alston, A. (2002a). Beyond nationalism but not without it. *Onward*, 2(4), 1-11.

Alston, A. (2002b). One journey into and out of anarchist. Black. *Anarchist Panther*, 1(4), 19-21.

Alston, A. (2004). Introduction. In E. Aguilar (Ed.), *Our culture, our resistance: People of color speak out on anarchism, race, class, and gender* (pp. 2-7). Autor. Edições arquivadas existem via “The Wayback Machine”: https://web.archive.org/web/20060305234117/http://www.illegalvoices.org/downloads/ocor_book_1.pdf

http://www.illegalvoices.org/downloads/ocor_book_1.pdf

Alston, A. O. (2011). The Panthers, the Black Liberation Army and the struggle to free all political prisoners and prisoners of war. *Perspectives on Anarchist Theory Journal*, 13, 6-17.

Balagoon, K. (1971). *Look for me in the whirlwind: The collective autobiography of the New York 21*. New York, NY: Random House.

Balagoon, K. (2001). *A soldier's story: Writings by a revolutionary New Afrikan anarchist*. Montréal, Québec, Canada: Kersplebedeb.

Balser, D. B. (1997). The impact of environmental factors on factionalism and schism in social movement organizations. *Social Forces*, 76, 199-228.

Beck, C. J. (2007). On the radical cusp: Ecoterrorism in the United States, 1998–2005. *Mobilization: An International Quarterly Review*, 12, 161-176.

Bookchin, M. (1969, January 15). *Anarchy and organization: A letter to the left*. *New Left Notes*. Disponível em: http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/bookchin/leftletter.html

Bookchin, M. (2005). *The ecology of freedom: The emergence and dissolution of hierarchy*. Oakland, CA: AK Press.

Brown, L. (2011, August). The Black Panther Party for self defense: A Marxist, Maoist, Black Nationalist Organization. American Sociological Association presentation.

Carr, J. (2002). *Bad: The autobiography*

of James Carr. Edinburgh, UK: AK Press.

Churchill, W., & Vander Wall, J. (1988). *Agents of repression: The FBI's secret wars against the Black Panther Party and the American Indian Movement*. Boston, MA: South End Press.

Cleaver, K. N. (2001). Women, power, and revolution. In K. Cleaver & G. Katsiaficas (Eds.), *Liberation, imagination, and the Black Panther Party: A new look at the Panthers and their legacy* (pp. 123-129). New York, NY: Routledge.

Clemens, E. S., & Hughes, M. D. (2002). Recovering past protest: Historical research on social movements. In B. Klandermans & S. Staggenborg (Eds.), *Methods of social movement research* (pp. 201-230). Minneapolis: University of Minnesota Press.

Collins, P. H. (1990). *Black feminist thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. New York, NY: Routledge.

Copeland, V. (1970). *The crime of Martin Sostre*. New York, NY: McGraw-Hill.

Cornell, A. (2012). "White Skins, Black Masks": Marxist and anti-racist roots of contemporary US Anarchism. In A. Prichard, R. Kinna, S. Pinta, & D. Berry (Eds.), *Libertarian socialism: Politics in black and red* (pp. 167-186). New York, NY: Palgrave Macmillan.

Crass, C. (2001). Looking to the light of freedom: Lessons from the Civil Rights Movement and thoughts on anarchist organizing. In C. Crass (Ed.), *Collective*

liberation on my mind (pp. 43-61). Montréal, Québec, Canada: Kersplebedeb.

Delgado, R., & Stefancic, J. (2001). *Critical race theory: An introduction*. New York City: New York University.

Della Porta, D., & Diani, M. (2006). *Social movements: An introduction* (2nd ed.). Malden, MA: Blackwell.

Della Porta, D., & LaFree, G. (2012). Processes of radicalization and de-radicalization. *International Journal of Conflict and Violence*, 6, 5-10.

Dragadze, T. (1996). Self-determination and the politics of exclusion. *Ethnic and Racial Studies*, 19, 341-351.

Dudouet, V. (2012). Intra-party dynamics and the political transformation of non-state armed groups. *International Journal of Conflict and Violence*, 6, 97-108.

Ervin, L. K. (1993). *Anarchism and the Black revolution* (2nd ed.). Philadelphia, PA: Mid-Atlantic Publishing Collective.

Ervin, L. K. (1994). *A draft proposal for an Anarchist Black Cross network*. Disponível em: <<http://theanarchistlibrary.org/library/lorenzo-kom-bo-a-ervin-a-draft-proposal-for-an-anarchist-black-cross-network>>. (Fonte: "http://www.spunk.org/library/groups/abc/sp001498/abc.html"www.spunk.org)

Ervin, L. K. (1995). Lorenzo Ervin: *The Black Flag interview*. Black Flag, No. 206. Disponível em: <<https://libcom.org/library/interview->

with-lorenzo-komboa-ervin-from-1995>

Ervin, L. K. (1996a). Anti-racism vs. anti-fascism: An analysis of the anti-racist action conference. *Black Autonomy*, 2(1), 3-13.

Ervin, L. K. (1996b). *Authoritarian leftists: Kill the cop in your head*. Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/lorenzo-kom-bo-ervin-authoritarian-leftists>.

Ervin, L. K. (2000a). *Black autonomy & revolution: Lance Morgan Interviews Lorenzo Kom'boa. Kick It Over*, 37, 24-29.

Ervin, L. K. (2000b). Short proposal for The Black Panther Movement. *Kick It Over*, 37, 25-27.

Ervin, L. K., & Abron, J. (2001, Spring). Civil rights, The Black Panthers, anarchism and today: An interview with Anarchist Community Organizers Lorenzo Komboa Ervin and JoNina Abron. *Northeastern Anarchist*, p. 2.

Free Ojore Lutalo: New Jersey anarchist freedom fighter. (1992, January). *Love & Rage*.

Haines, H. H. (1984). Black radicalization and the funding of civil rights: 1957-1970. *Social Problems*, 32(1), 31-43.

Heynen, N. (2009). Bending the bars of empire from every ghetto for survival: The Black Panther Party's radical antihunger politics of social reproduction and scale. *Annals of the Association of American Geographers*,

99, 406-422.

Heynen, N., & Rhodes, J. (2012). Organizing for survival: From the Civil Rights Movement to Black anarchism through the life of Lorenzo Kom'boa Ervin. *ACME: An International E-Journal for Critical Geographies*, 11, 393-412.

Hilliard, D., & Cole, L. (1993). *The autobiography of David Hilliard and the story of the Black Panther Party*. Boston, MA: Little, Brown.

Ignatiev, N., & Garvey, J. (1996). *Race traitor*. London, England: Routledge.

Jackson, G. (1994). *Soledad brother: The prison letters of George Jackson*. Chicago, IL: Lawrence Hill.

Jackson, G. (1995). To the reader. *Black Autonomy*, 1(1), 3.

Johnson, O. A. (1998). Explaining the demise of the Black Panther Party: The role of internal factors. In C. E. Jones (Ed.), *The Black Panther Party reconsidered* (pp. 391-414). Baltimore, MD: Black Classic Press

Johnson, R. A. (1975). The prison birth of Black power. *Journal of Black Studies*, 5, 395-414.

Joseph, P. E. (2006). *Waiting 'til the midnight hour: A narrative history of Black power in America*. New York, NY: Henry Holt and Company.

Lavelle, A. (2012). From "Soul on Ice" to "Soul for Hire?" The political transformation of Black Panther Eldridge Cleaver. *Race & Class*, 54, 55-74.

- Leier, M. (2006). *Bakunin: The creative passion*. New York, NY: St. Martin's Press.
- Lewis, G. (2004). No way as a way: An interview with Greg Lewis. In E. Aguilar (Ed.), *Our culture, our resistance: People of color speak out on anarchism, race, class, and gender* (Vol. 1, pp. 75-89). Author. Edições arquivadas existem via "The Wayback Machine". Disponível em: https://web.archive.org/web/20060305234117/http://www.illegalvoices.org/downloads/ocor_book_1.pdf
- Love and Rage Revolutionary Anarchist Federation. (1997). *Member handbook: New York Local*. New York, NY: Love and Rage Revolutionary Anarchist Federation.
- Lutalo, O. (1998). *Autonomy defined: Correspondence to Anarchist Black Cross affiliates* (Disponível em Periodicals Collection, Anarchist Archive at University of Victoria, British Columbia, Canada).
- Lutalo, O. N. (2004). *In my own words* [video]. Disponível em: <http://vimeo.com/19687951>
- Marable, M. (2011). *Malcolm X: A life of reinvention*. New York, NY: Viking.
- Maruna, S., Wilson, L., & Curran, K. (2006). Why god is often found behind bars: Prison conversions and the crisis of self-narrative. *Research in Human Development*, 3, 161-184.
- Mbah, S., & Igariwey, I. E. (1997). *African anarchism: The history of a movement*. Tucson, AZ: See Sharp Press.
- Michels, R. (1949). *Political parties: A sociological study of the oligarchical tendencies of modern democracy*. Glencoe, IL: Free Press.
- Muntaqim, J. (2002). *On the Black Liberation Army*. Montréal, Québec, Canada: Abraham Guillen Press.
- National Consortium for the Study of Terrorism and Responses to Terrorism. (2011). Global terrorism database [Electronic data file]. Disponível em: <http://www.start.umd.edu/gtd>
- Newton, H. (1968, November 16). In defense of self-defense. *The Black Panther*, 1-12.
- Newton, H. (2009). *To die for the people*. San Francisco, CA: City Lights.
- O'Brien, E. (1999). Mind, heart and action: Understanding the dimensions of antiracism. *Research in Politics and Society*, 6, 305-321.
- Olson, J. (2009). Between infoshops and insurrection: U.S. anarchism, movement building, and the racial order. In R. Amster, A. DeLeon, L. A. Fernandez, A. J. Nocella, & D. Shannon (Eds.), *Contemporary anarchist studies: An introductory anthology of anarchy in the academy* (pp. 35-45). London, England: Routledge.
- From Panther to anarchist. (2009). *Organise!*, 28, 12-13.
- Preston, J., & Chadderton, C. (2012). Rediscovering "Race Traitor": Towards a critical race theory informed public pedagogy. *Race, Ethnicity and Education*, 15, 85-100.
- Ransby, B. (2003). *Ella Baker and the*

Black freedom movement: A radical democratic vision. Chapel Hill: University of North Carolina Press.

Revolutionary Anti-Authoritarians of Color. (2002). *An anarchist introduction to critical race theory*. Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/revolutionary-anti-authoritarians-of-color-an-anarchist-introduction-to-critical-race-theory>

Ribeiro, P. (2005). *Senzala or Quilombo: Reflections on APOC and the Fate of Black anarchism*. Disponível em: <http://www.ainfos.ca/sup/ainfos00395.html>

Rosenau, W. (2013). “Our Backs Are Against the Wall”: The Black Liberation Army and domestic terrorism in 1970s America. *Studies in Conflict & Terrorism*, 36,176-192.

Rucht, D. (1999). Linking organization and mobilization: Michels’s iron law of oligarchy reconsidered. *Mobilization: An International Journal*, 4, 151-169.

San Filippo, R. (2003). *A new world in our hearts: Eight years of writings from the Love and Rage Revolutionary Anarchist Federation*. Edinburgh, UK: AK Press.

Schaich, W. L., & Hope, D. S. (1977). The prison letters of Martin Sostre:

Documents of resistance. *Journal of Black Studies*, 7, 294-295.

Seidman, G. (2001). Guerrillas in their midst: Armed struggle in the South African Anti-Apartheid Movement. *Mobilization: An International Journal*, 6, 111-128.

Sostre, M. (1976). The Open Road Interview with Martin Sostre. *Open Road*, 1, 13 (courtesy of Victoria, British Columbia, Canada: Periodicals Collection, Anarchist Archive at University of Victoria).

Staudenmaier, M. (2012). *Truth and revolution: A history of the Sojourner Truth Organization 1969–1986*. Oakland, CA: AK Press.

Umoja, A. O. (1999). Repression breeds resistance: The Black Liberation Army and the Radical Legacy of the Black Panther Party. *New Political Science*, 21, 131-155.

Williams, D. M. (2012). From top to bottom, a thoroughly stratified world: An anarchist view of inequality and domination. *Race, Gender & Class*, 19(3-4), 9-34. X, M. (1990). *The autobiography of Malcolm X: As told to Alex Haley*. New York, NY: Ballantine Books.